

Perspectivas de um novo tempo

Brasília é uma cidade diferente. Vista do alto, o panorama se descobre quando o avião sobrevoa, a grande ave de asas abertas, desenhada por Lúcio Costa e o milagre arquitetônico da sua realização por Oscar Niemeyer, fazem logo compreender que estamos diante de uma cidade nova, como não existiu antes nem no Brasil nem em parte alguma do mundo.

Logicamente, a vida em Brasília é diferente. Seus construtores, os **candangos**, vieram de todos os cantos desse Brasil imenso, mas não puderam voltar. Erguidos os blocos, depostas as ferramentas continuaram ligados ao solo árido que se transformava, às edificações que subiam, às avenidas que bailavam, subindo ou escondendo-se nos trevos, derramando-se nas cidades-satélites que iriam abrigar, em pouco tempo, uma das maiores populações do Brasil. Oscar Niemeyer e Lúcio Costa acertaram todos os cálculos e cumpriram todos os riscos. Apenas erraram calculando a população que foi logo ultrapassada e continua a crescer. Este é o problema número um do governador José Aparecido de Oliveira: desafio à sua inteligência e operosidade, a enfrentá-lo da manhã ao anoitecer, percorrendo a cidade-central e as cidades-satélites, no afã de restaurar Brasília em sua pureza, beleza e originalidade iniciais e a ordenar e disciplinar as cidades-satélites, a sua população borbujante e todos os problemas de vivência e habitação, de transporte, de educação, de violência.

E por isso que o seu nome, seus trabalhos, suas fotografias, saem, invariavelmente, no registro diário dos jornais de Brasília.

O sonho desviado de JK, criador de Brasília, não adormeceu. Antes fez de Brasília um mito, uma predestinação contaminando coisas e gentes. O Brasil nunca mais foi o mesmo Brasil depois da criação de Brasília. A contragosto meu, carioca irreversível, o grande e saudoso Juscelino Kubitschek esvaiou o Rio de Janeiro. Tentamos evitar, negar, esconder, disfarçar. Na verdade a pouco e pouco (um pouco e pouco rápido demais...) o Rio foi esvaziado política e socialmente e começa a ser esvaziado intelectualmente. O Brasil converge para Brasília e Brasília absorve o Brasil. São Paulo ainda resiste, como poderoso centro econômico. Mas nenhuma capital, nenhuma grande cidade deixa de estar voltada para Brasília, como os heliódromos se voltam para o sol.

Por isso Brasília é o marco zero, a caminhada de um Brasil novo. Foi aí que viveu a mais longa experiência autoritária e começa a Nova República com a nova esperança do grande brasileiro que se tornou o símbolo da esperança do nosso povo — Tancredo Neves — o presidente que não pôde nem precisou presidir para marcar a sua presença, inapagável, na vida nacional. E agora vive a experiência inédita de um presidente — José Sarney — que reúne as vivências de Prudente de Moraes, fundando a República Civil, após duas ditaduras militares quando a eletocou recriar a República com a Nova República, encerrando o ciclo autoritário de cinco generais-presidentes; Campos Sales, salvando o País da insolubilidade na inadimplência na negociação da dívida externa; de Juscelino Kubitschek, na inauguração de uma nova forma de governar.

Foi esse cenário privilegiado, porque não poderia ser outro, que se realizou o I Congresso de Cibernética Social, nos primeiros dias desse mês.

Representantes de todo o Brasil e participantes de vários vizinhos sul-americanos ali se reuniram, por quatro dias, em sessões afanosas e contactos proveitosos, estabelecendo a perspectiva de um novo tempo.

Nenhuma oportunidade melhor para esse encontro porque não basta estabelecer medidas coercitivas, nem aplicar penalidade repressora nos erros e nos abusos decorrentes há que renovar tudo e todos para que Brasília seja habitada por uma gente nova como é a Nova Capital, como deve ser a Nova República. É indispensável que a renovação se positivem em uma nova Constituição, elaborada por um novo parlamento.

E uma revolução pelo pensamento que se impõe. Porque o Brasil não acredita mais em outros tipos de revolução.

Pois é uma nova mentalidade que se projetou e iniciou no primeiro Congresso Nacional de Cibernética Social, estabelecendo o conhecimento mútuo dos pesquisadores, pensadores, professores, técnicos, divulgadores da Cibernética Social como fato e força cultural; b) a estruturação interna da Cibernética Social como fato e força cultural, com ênfase na interdisciplinaridade e mudança social; c) a divulgação da Cibernética nos meios científicos e culturais.

Os temas apresentados, as discussões travadas, as conclusões firmadas culminaram na fundação da Associação Brasileira de Cibernética Social — ABC Social —, que se propõe na expressão feliz da sua sigla — ser o ABC da iniciação cibernética em caminho da criação de uma ou mais Universidades Abertas, onde se opere, através do conhecimento da cibernética social, a transformação, para melhor, da nossa sociedade.

E de um brasileiro ilustre, mestre de várias gerações, professor Antônio Rubbo Müller, a descoberta da teoria da organização humana (TOH) quando trabalhava em Oxford. Sob a expectativa e admiração dos mestres daquele Centro de Estudos ele vem desenvolvendo o seu trabalho e formando seguidores, entre os quais se destacaram os organizadores do I Congresso de Cibernética Social, prof. Valdemar De Gregoriae, Prof.^{ra} Colandi. A cátedra, que ocupava na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, foi silenciada durante algum tempo. Mas a semente, caída em solo fértil, se desenvolveu.

Não cabem, no espaço limitado de um artigo, desenvolver o tema da cibernética social ainda pouco conhecido. O mundo está, preocupado com outro ramo da cibernética, a informática, sob o qual tantos falam e muitos falam mal ou intencionam mal, querendo estabelecer uma nova forma de dominação econômica e cultural. A cibernética social é uma nova filosofia de vida. Não pretende senão reformar o mundo usando a compreensão, sem outras armas do que a compreensão e a boa vontade.

Houve um homem — porque Jesus era um Deus encarnado — que trouxe a boa nova. Ouvimo-lo mal. Despachou doze apóstolos que foram mortos mas não silenciados. A cibernética é a reedição da Nova Mensagem. De saída, foram mais de 400 apóstolos que partiram, em vários rumos, pelo Brasil e pelo Continente para desenvolver a nova pregação.